

Mundo

AMÉRICA LATINA E CARIBE
Clima extremo causa recorde de desastres
El Niño e aquecimento global levaram a um total de 67 episódios no registo em 2023



Sete meses de guerra. Um canhão autopropulsado do Exército de Israel dispara da fronteira contra o sul da Faixa de Gaza; pela primeira vez, o governo dos EUA usou entregas de armas como ferramenta para pressionar Netanyahu

PRESSÃO SOBRE ISRAEL

Biden suspende entrega de bombas diante de ofensiva limitada em Rafah

O presidente dos EUA, Joe Biden, suspendeu o envio de uma remessa de bombas americanas a Israel diante do temor de uma ação em larga escala contra a cidade palestina de Rafah, no extremo sul da Faixa de Gaza, que se tornou alvo de uma operação militar israelense na terça-feira, quando o posto de fronteira com o Egito foi tomado, interrompendo a entrada de ajuda humanitária no enclave. A iniciativa de Biden corresponde à primeira vez que o governo dos EUA utilizou o repasse de armas para tentar influenciar a condução da ofensiva israelense em Gaza, num aumento da pressão sobre o premier Benjamin Netanyahu.

O presidente tomou a decisão, revelaram fontes oficiais ouvidas por jornais americanos, na semana passada, após o governo Netanyahu não responder "às preocupações" de Washington sobre a cidade, que abriga cerca de 1,4 milhão de palestinos, entre moradores e deslocados pelo conflito que ali se refugiaram. Foi enviado um carregamento de 1.800 bombas de 907kg e 1.700 bombas de 226kg.

RECADO DUPLIO
A maior preocupação americana, disse um funcionário do governo sob anonimato, é com o impacto que "bombas mais pesadas" poderiam causar em áreas urbanas densamente povoadas, como Rafah. O governo Biden também revisa se deve bloquear futuras transferências, incluindo kits que convertem as chamadas "bombas burras" em munições guiadas de precisão. — "Civis têm sido mortos em Gaza em consequência dessas bombas e de outras formas como elas entram em centros populacionais", disse o presidente em entrevista à CNN. — Deixei claro a Bibi [Netanyahu] e ao Gabinete de guerra: eles não terão nosso

apoio se de fato entrarem nesses centros populacionais. O recado a Israel foi reforçado pelo secretário de Defesa, Lloyd Austin, em audiência no Senado dos EUA. — Certamente não gostaríamos de ver nenhum grande combate em Rafah — disse ele, que ao mesmo tempo classificou como "ferreo" o comprometimento dos EUA com a segurança de Israel.

Político do conflito é uma preocupação em ano eleitoral. No Congresso, os republicanos não tardaram em criticar a decisão de Biden, acusando-o de enfraquecer a defesa de Israel. Em comunicado conjunto, os presidentes das comissões de Assuntos Externos e das Forças Armadas, Michael McCaul e Mike Rogers, respectivamente, disseram-se "chocados" a tacharam a decisão de "erro estratégico".

NOVAS RESTRIÇÕES
Também pressionou Biden uma mudança na política de venda de armas que ele mesmo aprovou, em fevereiro de 2023, antes do início da guerra no Oriente Médio. Biden alterou resoluções sobre os bloqueios e entregas de armas a forças militares estrangeiras, a depender de suas atuações contra civis em tempos de guerra. A nova política determina que compradores que "mais provavelmente sim do que não" violarão a lei interna-

cional ou os direitos humanos com equipamentos americanos não deveriam recebê-los. Anteriormente, a norma dizia que Washington precisava demonstrar "conhecimento comprovado" das violações. Analistas apontam que as diretrizes, emitidas antes do início da guerra, objetivavam ressaltar a nova ênfase aos direitos humanos na diplomacia americana, marcando uma oposição ao governo de Donald Trump.

APOIO PÚBLICO MANTIDO
Sem apresentar um motivo, o Departamento de Estado dos EUA confirmou que o prazo para entrega de um relatório ao Congresso sobre o uso de armas americanas por Israel, que se encerraria ontem, não será cumprido. O porta-voz do órgão, Matthew Miller, justificou que o prazo seria "autoimposto" e "não estatutário", mas há um entendimento de que qualquer decisão sobre Israel — minimizando ou condenando as ações do país contra civis — criaria um novo desafio político para Biden.

Publicamente, o presidente mantém o apoio ao principal aliado no Oriente Médio — apesar das ressalvas sobre a ação em Rafah. No começo de abril, o Congresso americano aprovou um pacote de ajuda militar a aliados de US\$ 95 bilhões (R\$ 490 bilhões), incluindo US\$ 15 bilhões (R\$ 77 bilhões) para Israel. O auxílio estava associado a repasses de ajuda humanitária a Gaza.

Prisões seguem em protestos, mas alunos têm êxito na Irlanda

Universidade por fim a investimentos em empresas vinculadas a assentamentos

O protestos em campi universitários contra a ofensiva militar de Israel em Gaza, que vêm mobilizando estudantes de instituições em vários continentes, continuaram ontem a levar a dezenas de prisões em ações de repressão, mas também registraram pelo menos mais um êxito.

Em Paris, a promotoria informou que 86 pessoas foram detidas em uma operação policial para remover estudantes que participavam de uma manifestação pró-Palestina na Universidade Sorbonne. Análises de quilômetros, a poli-

cial de Washington fez várias prisões e começou a esvaziar um acampamento montado na Universidade George Washington desde 25 de abril.

ATOS EM AO MENOS 14 PAÍSES
A polícia francesa agiu na noite de terça-feira depois que cerca de 100 estudantes ocuparam um auditório da universidade durante duas horas em "solidariedade" ao povo de Gaza, observou um jornalista da AFP no local. Segundo um comunicado do Ministério público, mais de 80 pessoas foram detidas, acusadas de uma série de crimes contra a ordem pública, que incluem "dano

intencional, participação em um grupo com o objetivo de preparar violência contra pessoas ou destruição/dano à propriedade, rebelião, violência contra uma pessoa que exerce autoridade pública ou invasão das instalações de uma escola com o objetivo de perturbar a paz ou a boa ordem do estabelecimento".

Outra intervenção policial também foi registrada na Science Po Paris, onde os primeiros acampamentos foram montados no fim de abril. Na segunda-feira, o premier Gabriel Attal reforçou ser contra o direito de perturbar as universidades com os protestos.

Em Washington, não foi divulgado um número exato de detidos e nem quantos especificamente eram estudantes, mas as autoridades disseram aos jornais americanos que foram feitas "várias prisões". Estudantes da GW estão em um acampamento desde o dia 25 de abril, segundo a BBC.

A centella originada no dia 18 de abril, na Universidade Columbia, em Nova York, espalhou-se como um fogo por dezenas de universidades americanas e outras mundo afora: protestos foram registrados em Holanda, Reino Unido, Alemanha, Itália, Espanha, Áustria, Suíça, Irlanda, Dinamarca, Finlândia, Austrália, México e Brasil.

Já no Trinity College Dublin, os estudantes começaram a desmontar o acampamento ontem após a universidade irlandesa concordar em pôr fim em investimentos em três companhias israelenses listadas pela ONU como tendo vínculos com assentamentos judeus na Cisjordânia ocupada. A universidade disse que, no futuro, procuraria terminar com investimentos também em outras empresas de Israel.



Alunos pró-palestinos da Universidade de Amsterdã enfrentam a polícia com estífeios de incêndio em protesto contra a ofensiva de Israel em Gaza

